

Exportação brasileira de lácteos: reflexões sobre nossa competitividade

Glauco Carvalho

Após cinco anos de superávit na balança comercial de lácteos quem poderia prever que o Brasil iria voltar a apresentar déficit, como ocorreu em 2009. O discurso predominante nos últimos anos indicava que o Brasil iria crescer na exportação e se tornar um grande *player* do mercado mundial. O argumento básico para isso tinha fundamento na disponibilidade de recursos naturais e na competitividade em custos. O fato é que não conseguimos exportar leite em 2009, considerando o cenário de preços internacionais, demanda mundial e taxa de câmbio. Então o que houve com nossa competitividade? O objetivo principal deste artigo é discutir alguns aspectos referentes a essa competitividade.

Voltando a 2007, o que se via era preço internacional em patamar elevado, até então nunca visto, demanda global aquecida, oferta se recuperando e a cadeia produtiva do leite em crescimento. No Brasil, a indústria estava adotando estratégias agressivas de compra de matéria-prima para atender os clientes, domésticos e internacionais. As exportações brasileiras seguiam batendo recorde mês após mês, até atingir em 2008 um valor total de US\$ 541 milhões ou meio bilhão de dólares (Fig. 1). Tudo isso, mesmo com uma taxa de câmbio média, em reais por dólar, de 1,83. Ou seja, uma taxa de câmbio próxima do atual

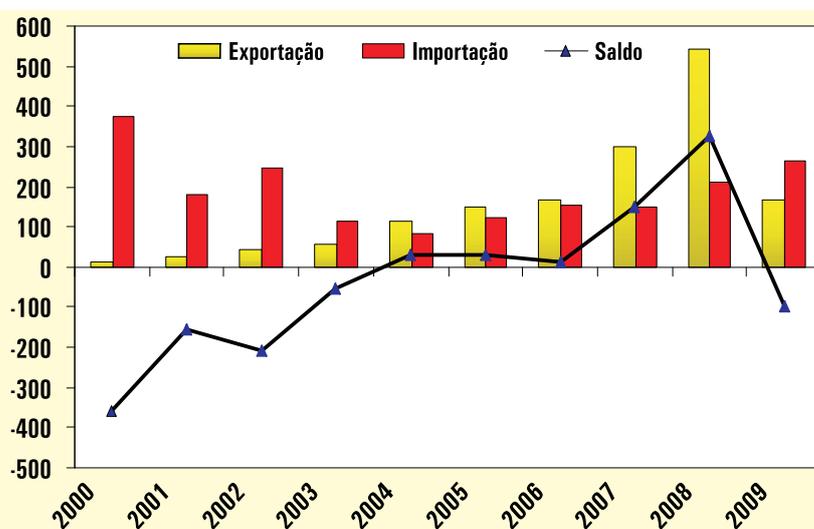


Fig. 1. Balança comercial de leite e derivados – US\$ milhões. Fonte: MDIC. Elaboração do autor.

patamar. Mas a diferença fundamental estava na demanda e no preço internacional, que registrou tamanha valorização que foi capaz de cobrir as dificuldades geradas pela valorização cambial. Já em 2009, o cenário foi completamente diferente e o Brasil amargou déficits mensais que totalizaram no final do ano US\$ 98 milhões. Este resultado poderia ser ainda pior caso o Brasil não tivesse imposto algumas barreiras à entrada de lácteos de outros países.

A palavra de ordem passou então para a competitividade brasileira. Reportando a algumas idéias lançadas pela equipe do Instituto Icone, chamo a atenção para características de uma cadeia agroindustrial exportadora, separando-as em dois blocos (NASSAR et al., 2009).

1) As que podem ser conseguidas pela cadeia por ações próprias:

- Necessidade de possuir um mercado doméstico grande para o produto que se pretende exportar, pois isso viabiliza uma elevada escala de produção;
- Baixo custo de matéria-prima, o que possibilita operar com preços mais competitivos ou ser referência de menor custo no mercado;
- Ter padrões sanitários/ambientais que geram confiança nos importadores;
- Existência de estratégias bem definidas de abertura de mercado e promoção comercial.

2) As que necessitam de ações setoriais e institucionais e não dependem apenas dos agentes da cadeia:

- Política sanitária que ajude o setor, sobretudo vindas de um governo com credibilidade;
- Negociações comerciais que levem a redução de barreiras comerciais, o que vale para o setor agrícola como um todo;
- Suporte governamental para resolver problemas do dia a dia de comércio;
- Desoneração tributária, baixo custo logístico e câmbio favorável.

Para este artigo pretende-se abordar as características listadas no item 1, ou seja, características que podem ser alcançadas pela cadeia por ações próprias.

Tamanho do mercado interno

Quando se aborda a dimensão do mercado interno para lácteos, o Brasil se destaca no panorama mundial com uma população de 191 milhões de habitantes, devendo atingir 200 milhões nos próximos três ou quatro anos. (Fig. 2). A população brasileira equivale a soma da existente na Alemanha, França e Espanha em conjunto. Com essa população, o Brasil é o quinto país mais populoso do mundo. Além disso, o consumo per capita de lácteos ainda é baixo para o padrão de países mais desenvolvidos, o que indica uma grande oportunidade de crescimento, sobretudo se houver aumento de renda combinada a uma melhor distribuição.

Portanto, o tamanho da população é um aspecto positivo nos pilares da competitividade, mas alguns desafios se apresentam para os próximos anos. O primeiro é que apesar da população estar crescendo, o ritmo é cada vez menor. Na década de 80 a taxa anual de crescimento da população foi superior a 2,0% ao ano. Já em 2009, o crescimento está na faixa de 1,0% e para 2015 espera-se expansão de apenas 0,7% ao ano. O segundo aspecto refere-se ao envelhecimento gradativo dos brasileiros. Em 1980 cerca de 12% dos brasileiros tinham mais do que 50 anos. Atualmente, este percentual é de 19%, devendo superar 22% já em 2015. Ou seja, será importante repensar a política de inovação e desenvolvimento de produtos que atenda este público, destacando não apenas os benefícios do leite para a saúde mas também relacionando o hábito de beber leite com o lazer.

Obviamente não se poder perder de vista que o pilar de competitividade relacionado ao tamanho do mercado está justamente em conseguir escala de produção no produto que se pretende exportar. Ou seja, é importante ter fábricas grandes para leite em pó, leite condensado, etc. Olhando neste prisma, o país tem fábrica com capacidade de processamento de 1 milhão de litros/dia, o que é bom. No entanto, muitas vezes estas fábricas operam com o processamento inferior a 500 mil litros/dia. No entanto, para avançar na exportação de commodities torna-se fundamental aumentar a escala de produção, já que a rentabilidade unitária desse tipo de produto em geral é baixa. Isso indica que o processo de concentração que vem ocorrendo no Brasil deve continuar, até porque em relação aos padrões mundiais temos uma indústria que ainda pode ser classificada como fragmentada.

Custos de produção

O baixo custo de matéria-prima, neste caso o leite cru, é fundamental para a competitividade internacional dos lácteos brasileiros. Antes de entrar na discussão de custo em si, vale ressaltar que o setor agrícola brasileiro e os segmentos exportadores em particular sofreram e ainda sofrem com a valorização do real frente ao dólar, pois tem deixado nosso produto mais caro na moeda estrangeira. Entre 2004 e 2009, o real se valorizou 32% frente ao dólar. Ou seja, 1/3 da receita de exportação desapareceu no câmbio. Somente em 2009, a taxa de câmbio média do mês (em R\$/dólar) saiu de 2,31 em janeiro para 1,75 em dezembro, queda de 24%.

Voltando ao custo de produção, sabe-se que para a fabricação de leite em pó, cerca de 80% do

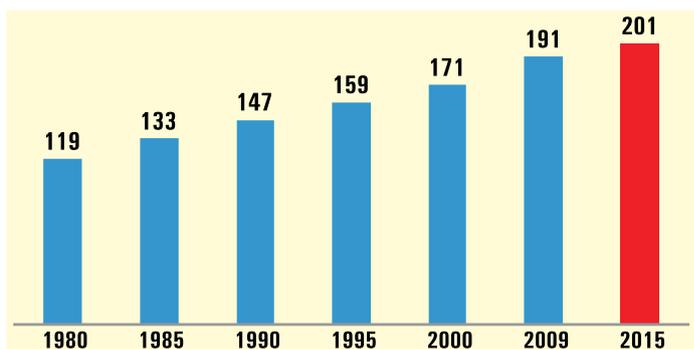


Fig. 2. Evolução da população brasileira e projeção – milhões de habitantes.

Fonte: IBGE.



valor gasto refere-se ao custo da matéria-prima. Portanto, conseguir leite a preços baixos é fundamental para viabilizar a exportação de leite em pó. Historicamente, o Brasil figura entre países de baixo custo de produção de leite. No entanto, nos últimos três anos houve perda de participação relativa no cenário mundial e o Brasil foi rebaixado para o terceiro grupo de competitividade, ficando atrás da Argentina, Chile, Nova Zelândia, Austrália, entre outros. Uma parte desse desempenho se deve ao efeito câmbio. Por outro lado, verifica-se uma melhoria muito lenta no uso apropriado dos fatores de produção como terra e mão-de-obra, por exemplo. Ou seja, a eficiência produtiva está baixa. Na Fig. 3, pode-se observar a evolução dos preços do leite ao produtor, em dólar. Mesmo com esse descolamento do Brasil em 2009, com preços no padrão Europeu, diversos produtores amargaram prejuízos.

Nos levantamentos realizados em diferentes mesorregiões do Estado de Minas Gerais e Pernambuco verificaram-se disparidades elevadas nos custos e baixo desempenho técnico nas fazendas de leite. Na Fig. 4 pode-se observar os custos de produção de leite e na Fig. 5 a produtividade média por vaca dia de lactação. Neste caso, fica patente o diferencial tecnológico empregado nos sistemas de produção, mesmo em nível regional. Vale ressaltar que a maior parte dos sistemas analisados possui custo de produção entre 30 e 40 centavos de dólar. Além disso, a média por vaca/dia na grande maioria das fazendas está aquém de 10 litros. E é justamente essa variável de produtividade que deverá proporcionar competitividade no longo prazo. É sabido que o preço dos alimentos segue trajetória declinante no tempo, não sendo diferente para o leite. Sendo assim, o preço do leite recebido pelo produtor perde para os insumos no longo prazo, sendo necessário ganho de produtividade em todos os fatores de produção.

Uma das relações econômicas mais antigas para a formação do preço de um bem, refere-se a lei da oferta e da demanda. Ou seja, o preço de um bem é mais baixo quanto

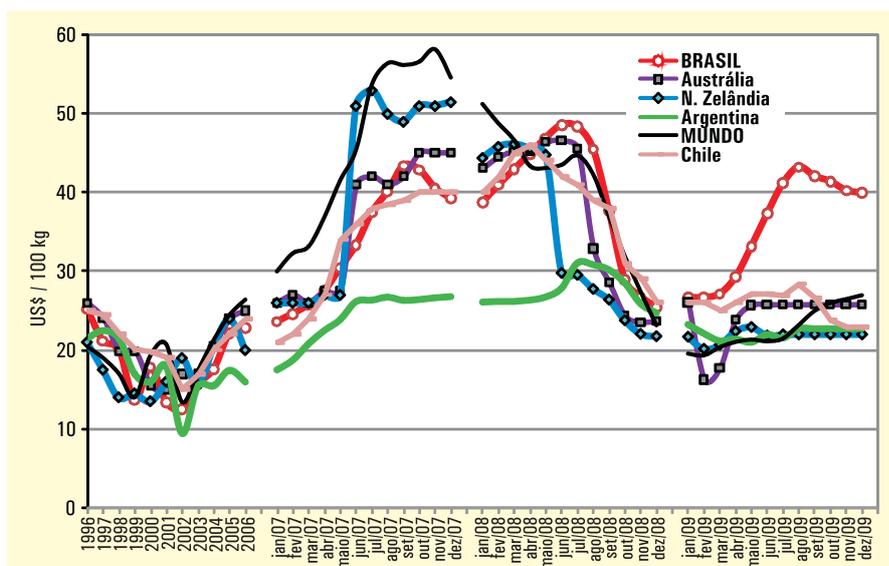


Fig. 3. Preços do leite em países selecionados (US\$/100 kg).
Fonte: IFCN. In STOCK et al. (2009).

Na Fig. 4 pode-se observar os custos de produção de leite e na Fig. 5 a produtividade média por vaca dia de lactação. Neste caso, fica patente o diferencial tecnológico empregado nos sistemas de produção, mesmo em nível regional. Vale ressaltar que a maior parte dos sistemas analisados possui custo de produção entre 30 e 40 centavos de dólar. Além disso, a média por vaca/dia na grande maioria das fazendas está aquém de 10 litros. E é justamente essa variável de produtividade que deverá proporcionar competitividade no longo prazo.

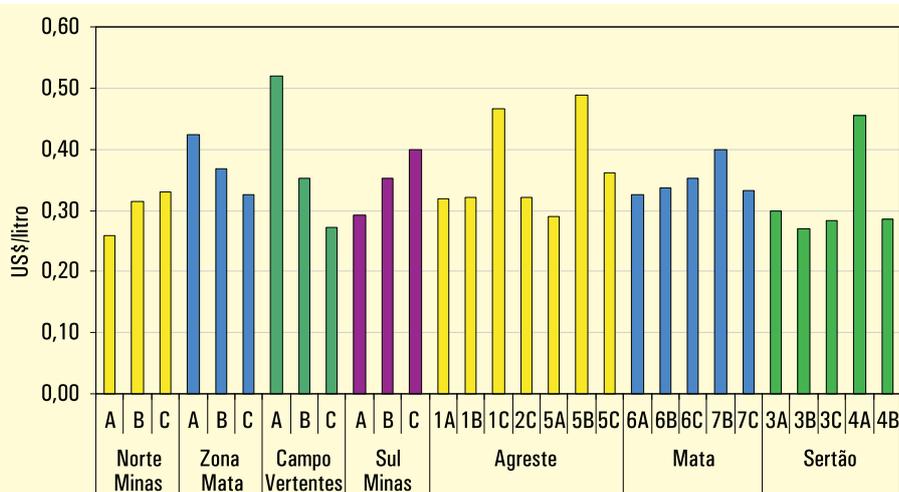


Fig. 4. Custo de produção da atividade leiteira em diferentes sistemas de produção e mesorregiões de Minas Gerais e Pernambuco 2009 – US\$/litro.

Fonte: Banco de dados Embrapa Gado de Leite.

mais abundante for a oferta daquele bem. Por outro lado, a escassez de um produto implica em preços mais elevados. É o caso da terra no Brasil, que é relativamente mais barata que em outros países, pois existe em maior abundância. Isso ajuda a explicar porque nossa produtividade em litros de leite por hectare é baixa. O mesmo acontece em litros por homem-hora de trabalho, litros por vaca, etc. Todavia, a pressão para

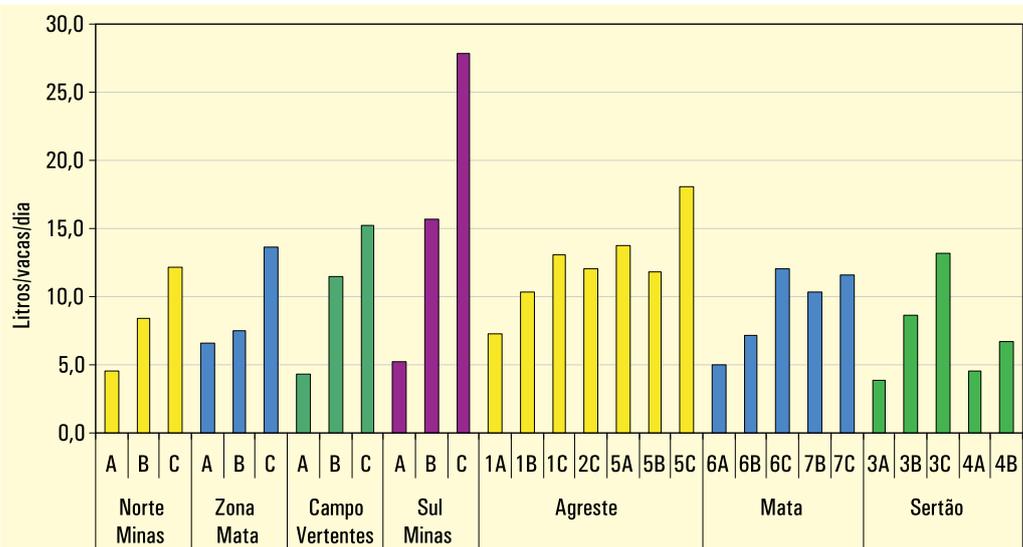


Fig. 5. Produtividade média por vaca em lactação em diferentes sistemas de produção e mesorregiões de Minas Gerais e Pernambuco 2009 – litros/vaca/dia. **Fonte:** Banco de dados Embrapa Gado de Leite.

melhoria de eficiência tende a aumentar, já que os fatores de produção são escassos e seus preços vão subir. Algum aumento já se percebe em mão-de-obra e terra, mas ainda longe do padrão mundial.

O Brasil possui características ímpares para a produção de leite, mas a eficiência precisa ser melhorada. A produção de leite é muito pulverizada e existem inúmeros sistemas de produção. Essa gama de sistemas em si não é problema, muito pelo contrário. Isso coloca o País em uma condição muito favorável, onde os sistemas de produção são mais flexíveis. Em termos mundiais, os sistemas de menores custos são, nesta ordem, os de pequena escala, seguidos de sistemas a pasto e finalmente *freestall* (HEMME, 2009). Independente do sistema escolhido é importante ter eficiência. Tomando por base os grandes exportadores de leite em pó, Austrália e Nova Zelândia, a opção foi por sistemas a pasto e elevada escala de produção. Isso é perfeitamente possível no Brasil, mas, além disso, temos uma grande vantagem comparativa adicional, referente a oferta de alimento concentrado.

Padrões sanitários/ambientais que geram confiança dos importadores

Outro fator relevante para a inserção internacional e que apresenta deficiências no País refere-se aos problemas sanitários e ambientais. A pecuária brasileira (carne e leite) é acusada de inúmeras falhas. Sabe-se que algumas acusações procedem, mas inúmeras outras são falsas. A questão importante é criar padrões que geram confiança dos clientes. Não se pode deixar de salientar que no mundo atual a velocidade de circulação da informação é muito alta e qualquer escândalo é rapidamente espalhado pelo mundo, mesmo nas regiões mais remotas.

O leite é o primeiro produto a ser consumido por um ser humano, tido como um dos alimentos mais puros e saudáveis a saúde humana. Mas não é sempre que esta imagem é repassada. O último escândalo mais robusto vivenciado pelo setor ocorreu no final de 2007, denominada operação Ouro Branco. Na ocasião, a imagem do produto brasileiro foi prejudicada em função da adição de substâncias não permitidas ao leite, tornando-o impróprio para o consumo humano. Felizmente foi um caso isolado, mas de visibilidade internacional.

Ainda nas questões sanitárias, não se pode esquecer que até hoje existem problemas com febre aftosa, tuberculose e brucelose. A febre aftosa, por exemplo, chegou ao Brasil por volta do ano de



1870. Ou seja, já se passaram 140 anos do primeiro caso e o País ainda não conseguiu se estabelecer como livre de febre aftosa sem vacinação. A conscientização dos produtores na erradicação da aftosa é fundamental e eles devem ter a responsabilidade de vacinar o rebanho de acordo com o calendário do Estado. A febre aftosa é uma doença que preocupa o país, não por oferecer risco à saúde humana, mas pelo prejuízo econômico que traz para toda a cadeia produtiva. Hoje, a febre aftosa está erradicada em aproximadamente cinco milhões de quilômetros quadrados do território nacional, área que concentra a maior parte da população bovina. Vários estados compõem a área livre de febre aftosa com vacinação, mas apenas Santa Catarina leva o rótulo de área livre sem vacinação.

Na mesma linha, a cadeia produtiva precisa trabalhar em consonância com a defesa agropecuária Federal e Estadual na erradicação das demais doenças. É fundamental ainda atuar na melhoria da qualidade do leite, eliminando qualquer possibilidade de presença de resíduos, como por exemplo, provenientes de antibióticos. A qualidade do leite brasileiro está muito abaixo dos padrões verificados em outros países, o que acaba refletindo no rendimento industrial dos derivados, tempo de prateleira e logicamente na qualidade do produto final. A diferença mais marcante entre o leite brasileiro e o de alguns países encontra-se na Contagem Bacteriana Total, ou seja, os cuidados básicos de higiene na ordenha estão extremamente falhos (Tabela 1). Comparando CBT em amostras da Clínica do Leite com o resultado médio da Nova Zelândia verifica-se números quase 16 vezes superior. Observando as amostras analisadas pela Embrapa Gado de Leite, no entanto, esse número chega a ser 36 vezes pior.

Tabela 1. Qualidade do leite: Brasil e países selecionados

Indicadores	Clínica do Leite ¹	Embrapa Gado de Leite ²	EUA	NZ	ARG	UK
Gordura (%)	3,63	3,71	3,7	4,68	3,62	4,06
Proteína (%)	3,21	3,27	3,4	3,7	3,29	3,28
CBT (mil UFC/mL)	283	648	25	18	67	30
CCS (mil céls/mL)	343	393	290	246	330	196

¹12.266 produtores – DelvoTest; CBT e CCS – média geométrica.
²189.229 amostras para Gordura, Proteína e CCS; 189.310 amostras para CBT. Média geométrica para todos os indicadores.
Fonte: Machado (2009), Souza (2010).

Por fim, no caso do meio ambiente existe muita informação imprecisa, muito lobby e terrorismo. Mas uma coisa é certa, a agricultura brasileira não está conseguindo mostrar à sociedade (nacional e internacional) sua importância, seus desafios, seus problemas e seus méritos. Criou-se um estigma de que se é do agrícola é extrativista, é ruim e causa danos ao meio ambiente, enquanto a realidade agrícola na grande maioria desse país é diferente. O agrícola produz, alimenta, mantém o homem no campo e reduz a pressão de migração para os grandes centros urbanos. É só observar os números do agronegócio brasileiro para ver sua importância: 37% do emprego, 26% do PIB, 40% das exportações, etc.

Além disso, existem diferenciais a serem mostrados. No caso da pecuária de leite (e mesmo na de corte) os sistemas de integração lavoura-pecuária-floresta é um exemplo em busca de sustentabilidade, com possibilidade de agregação de renda, diversificação de risco, redução no uso de terra e sequestro de carbono.

Existência de estratégias bem definidas de abertura de mercado e promoção comercial.

Por fim, na questão de abertura de mercado e promoção comercial o trabalho a ser feito também é longo. Atualmente, na cadeia produtiva do leite essa tarefa está sendo realizada principalmente por ações individuais, das próprias empresas, sem uma atuação coletiva. No entanto, como as ações são pontuais, o seu efeito também é limitado e ocorre sempre visando o curto prazo. É interessante aproveitar os projetos da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (APEX), buscando promoção da imagem por meio de feiras internacionais, missões especiais e outros eventos que salientam os principais atributos dos produtos lácteos brasileiros.

Neste momento é importante começar a delinear estratégias para a cadeia como um todo, pensando inclusive na criação de uma marca para o País. Ao visitar o site da Apex encontra-se inúmeros projetos para carnes, açúcar e álcool, biscoito, cafés, etc. mas nada para leite. Será que não seria a hora de criar a *Brazilian Dairy*? E a criação de uma associação brasileira dos exportadores de leite e derivados (Abeleite), como ocorre nos setores de carnes, café e açúcar? É preciso avançar na promoção da imagem do leite brasileiro, fortalecer a presença do País nos fóruns internacionais alimentares e fazer valer o objetivo de ser um grande exportador de lácteos.

Referências

- HEMME et al. (2009): IFCN Dairy Report 2009, International Farm Comparison Network, IFCN Dairy Report Center, Kiel, Germany. 206 p.
- MACHADO, P.F.; CASSOLI, L.D. Qualidade do leite no Brasil vs outros países produtores e exportadores. 1º Fórum DPA sobre Competitividade dos Lácteos Brasileiros. São Paulo, agosto de 2009.
- NASSAR, A. M.; NOGUEIRA, S.; KASSAMA, B. Exportações Brasileiras de Produtos Agrícolas: Quão Distante está o Leite de Outras Commodities? 1º Fórum DPA sobre Competitividade dos Lácteos Brasileiros. São Paulo, agosto de 2009.
- STOCK, L. A.; CARNEIRO, A. V.; DUARTE, M. G. P. Preços do leite em 2008 nas principais regiões do mundo. Boletim CBLeite, ano 3, n. 9. Juiz de Fora. Novembro de 2009.
- SOUZA, G.N. Banco de dados do laboratório de qualidade do leite. Embrapa Gado de Leite. Juiz de Fora. Acesso em Março de 2010.